

“É BOM SE PROTEGER DO MAL”:
UMA ANÁLISE DO DISCURSO DE PREVENÇÃO ÀS DSTs

Francisco Vieira da Silva¹
Regina Baracuh²

RESUMO: Objetivamos, neste artigo, analisar o discurso de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), situando-o em relação às condições de produção que tornam possível o seu aparecimento. Nesse sentido, tomamos o carnaval como o período no qual se intensificam as campanhas de incentivo que visam convencer a população acerca da importância de se utilizar o preservativo, mais especificamente a camisinha. O carnaval constitui, pois, o elemento deflagrador na ênfase dos discursos sobre as DSTs na mídia. Ao analisarmos esse discurso, pretendemos investigar as redes de memória que produzem efeitos de sentido. Escolhemos como materialidade para a análise a letra do samba-enredo “Vamos vestir a camisinha, meu amor” que foi apresentado pela Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio, no ano de 2004 e de uma campanha informativa do Ministério da Saúde sobre o uso da camisinha, veiculada pela mídia televisiva, no período carnavalesco do ano de 2012. Além disso, o gesto de leitura lançado sobre o referido samba objetiva investigar em que medida ocorre uma incorporação dos discursos sobre a prevenção das DSTs presentes nas campanhas educativas do poder público, mais especificamente do Ministério da Saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval; Mídia; Discurso de prevenção às DSTs.

"IT IS GOOD TO PROTECT YOURSELF FROM EVIL":
AN ANALYSIS OF SEXUAL DISEASES PREVENTIVE DISCOURSE

ABSTRACT: In this paper it is intended to analyze sexual diseases preventive discourse (SDPD) - placing it in relation to production conditions that make possible its appearance. In this sense, carnival is perceived as a period in which incentive campaigns – that try to convince the population about the importance of using condoms - are intensified. Carnival constitutes the deflagrated element that emphasizes SDPD discourse in media. It is intended to investigate network of memories that produce sense effects. As analysis materiality, it was selected the samba “Vamos vestir a camisinha, meu amor” that was presented by “Acadêmicos do Grande Rio” Samba School in 2004, also presented by the Health Ministry informative campaign, about using of condom, carried out by televised media in 2012 carnival. In addition, reading gesture – about the mentioned samba – aims to investigate the measurement that discourse incorporation occurs about SDPD prevention, in public power educative campaigns – especially in Health Ministry.

KEYWORDS: Carnival; Media; SDPD Preventive; Discourse.

¹ Mestre em Letras pela Universidade do Rio Grande do Norte (UERN). Aluno do Curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: franciscovieirariacho@hotmail.com.

² Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: mrbaracuh@hotmail.com.

1. UM BREVE PREÂMBULO

“O meu prazer agora é risco de vida.”
(Cazuza)

Este trabalho prioriza uma reflexão sobre os discursos que circulam na mídia, mais especificamente sobre os discursos de prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) presentes num samba-enredo de uma escola de samba do Rio de Janeiro e numa campanha institucional do Ministério da Saúde. É sabido que vivemos numa sociedade fundamentalmente midiática, o que faculta o acesso e a ampliação do conhecimento a “todos”, de um modo geral. Isso posto, convém analisar de forma crítica tais discursos, procurando investigar como eles produzem sentidos, como mobilizam outros dizeres, de maneira a assinalar a face heterogênea de toda produção discursiva.

Dessa forma, nosso olhar neste artigo se volta particularmente para os discursos relativos às DSTs, intensificados por meio de campanhas informativas veiculadas no período alusivo ao carnaval. Esse fato não ocorre de maneira fortuita, uma vez que, conforme apontam os relatórios dos órgãos de saúde pública, em alguns anos, há um aumento significativo no número de casos de DSTs e de gravidez no período carnavalesco. Isso se dá porque o carnaval é frequentemente/historicamente associado à festa da carne, dos excessos, o que implica uma pretensa inclinação ao prazer e à permissividade. Daí, a intervenção dos órgãos públicos, exercendo o seu biopoder (FOUCAULT, 2008), com vistas a “alertar” a população no tocante à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Assim, os discursos de prevenção às DSTs encontram atrelados de maneira fulcral com o contexto em que são produzidos, com as condições sócio-históricas que os engendram.

Neste estudo, selecionamos como materialidades para a análise o samba-enredo da Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio (2004), que disserta, a sua maneira, sobre o uso do preservativo e uma campanha informativa com uma finalidade semelhante, veiculada no período do carnaval de 2012. Em síntese, interessa-nos investigar em que medida o samba-enredo incorpora na sua tessitura discursiva, redes de memórias concernentes ao discurso de prevenção às DSTs típico das campanhas governamentais. Para tanto, buscamos respaldo teórico na Análise de Discurso de matriz francesa fundada por M. Pêcheux (1988; 2006), nos postulados teóricos de Michel Foucault (2008) e em autores que praticam a Análise do Discurso no Brasil, a exemplo de Orlandi (1994; 2006; 2007).

A Análise do Discurso (AD) compreende o discurso como movimento, como funcionamento da linguagem, ou seja, a linguagem produzindo sentido, desvelando relações entre a língua e a história. Para a AD, ao produzir sentido, o sujeito se produz, ou melhor, o sujeito se produz, produzindo sentido. (ORLANDI, 2007). Nessa acepção, não há produção de sentidos sem história, pois é a história que provê a linguagem de sentidos; assim, o sentido se dá no entrecruzamento entre a materialidade linguística e a vinculação com a exterioridade, porque o discurso, conforme define Pêcheux (2006), situa-se na fronteira da estrutura com o acontecimento. Pensando no discurso de prevenção às DSTs, vale ressaltar que ele se enxerta no encontro da materialidade (seja verbal ou imagética) com a exterioridade, com as condições que possibilitam/justificam a sua emergência, com os interesses permitidos numa dada conjuntura sócio-histórica. Nesse ponto, tocamos no discurso e na sua relação com o binômio saber-poder advindo das reflexões foucaultianas, uma vez que os discursos de prevenção às DSTs, corporificados na mídia, amparam-se sobre um saber médico para exercer um poder regulador sobre os corpos, sobre a forma como a população deve lidar com a sexualidade.

Na seção seguinte, discutiremos de uma maneira mais pormenorizada a respeito das noções principais da AD, no intuito de sustentarmos teoricamente nosso gesto de leitura sobre os *corpora* analisados.

2. CONFIGURAÇÕES TEÓRICAS DA AD

A AD surge no cenário teórico francês nos anos de 1960, os quais eram marcados prioritariamente pelas abordagens estruturalistas. O arcabouço teórico dessa vertente de estudos ergue-se a partir da interlocução com as contradições existentes em outros campos do saber. Dessa forma, o alicerce teórico sobre o qual a AD repousa numa região de entremeio. Para Pêcheux & Fuchs (1997), o quadro epistemológico da AD reside na articulação de três regiões do conhecimento científico, a saber:

- o materialismo histórico – com a teoria das formações sociais e de suas modificações, compreendida aí a teoria das ideologias;
- a linguística – como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação, ao mesmo tempo;
- a teoria do discurso – como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Pêcheux & Fuchs (1997, p. 164) pontuam ainda que “essas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica).” Com efeito, a AD se propõe a construir seu campo de atuação teórica com base nas contradições, aproximações e distanciamentos desses três campos do saber. Trata-se, em resumo, das releituras da chamada “Tríplice Entente”: Saussure, Marx e Freud. É necessário ressaltar, neste contexto, que a análise do discurso tem seu método e objetos próprios que tocam nos pontos da linguística, da psicanálise, do marxismo, mas que não se confundem com eles (ORLANDI, 2006), o que reitera o fato de a AD problematizar alguns pontos dessas áreas do conhecimento, como é o caso da Linguística.

A relação que a AD estabelece com a Linguística é muito mais de rupturas do que de confluências e concordâncias e um dos pontos que mais acentuam essa relação é a questão do sentido. A AD rejeita a ideia de um sentido dado *a priori*, marcado unicamente pelo componente linguístico e acredita que a produção de sentidos se efetua socialmente, de acordo com as contingências históricas. Sob esse raciocínio, o sentido e o sujeito se constituem ao mesmo tempo. Além disso, o sujeito possui a ilusão de que é a origem do seu dizer, a fonte primeira de sua enunciação. Nas palavras de Pêcheux (2011, p. 103) “[...] a AD não pode satisfazer-se com a concepção de sujeito epistêmico, “mestre de sua morada” e estrategista nos seus atos [...] ela supõe a divisão do sujeito como marca de sua inscrição no campo do simbólico.”

De modo análogo, o sujeito acredita que existe uma relação termo-a-termo entre a linguagem e o mundo. Porém, o mundo e a linguagem são de ordens distintas. Incompatíveis em suas naturezas próprias (ORLANDI, 1994). O sujeito, ao enunciar, crê que só pode fazer daquela forma e não de outra; mas, ao escolher certos dizeres e não outros, o sujeito vincula-se a um posicionamento ideológico pertinente a uma dada formação discursiva. Para significar e significar-se o sujeito precisa amparar-se numa formação discursiva, que determina o que pode e deve ser dito.

A concepção de língua que permeia as abordagens da AD não é a mesma língua da Linguística. A língua da AD admite a falha, o furo, a falta; não trabalha com uma noção de estrutura estanque e fechada em si mesma, e incorpora o termo “real da língua”, trazido por Milner dos estudos da Psicanálise, para exprimir essa incompletude, esse não-todo que é próprio da língua e a constitui (FERREIRA, 2010).

Face ao exposto, podemos entender que a AD propõe um modelo de língua que tem um funcionamento parcialmente autônomo, isto é, a AD reconhece que a língua se constitui por regras de natureza fonológica, morfológica e sintática, mas atesta que tais regras só entram em

funcionamento por intermédio de um processo discursivo que insurge a partir de uma dada situação sócio-histórica. Ratificamos que o sentido não é da ordem da estrutura, do sistema, mas que se efetiva na/pelas formações discursivas que regulam as condições de produção do dizer e do sentido. Não interessa aos estudos da AD teorizar os aspectos linguísticos, dado que sua especificidade é do campo do sentido. A AD fala da língua somente na medida em que as concepções da linguística interferem o campo do sentido, na medida em que a linguística postula teorias semânticas que são da mesma natureza que a teoria gramatical (POSSENTI, 2007), porque isso implicaria que, assim como a língua é a mesma para todas as classes, o sentido também seria, podendo ser em última instância universal.

De modo análogo, a aceção de língua da AD destoa da noção de língua como fiel representação do pensamento que, por conseguinte, é tributária de uma percepção psicologizante de sujeito, individual, dono e controlador de sua vontade e de suas ações. Trata-se, antes de uma concepção de sujeito visto como *ego*, fonte intencional do seu sentido, que formula uma representação mental e a transpõe de maneira direta para a materialidade linguística, o que difere claramente do sujeito da AD, uma vez que este é produzido pela linguagem e cuja produção de sentidos lhe escapa. Além disso, considerando os respingos da concepção de sujeito psicanalítico de Lacan – produzido pela linguagem como estruturalmente clivado pelo inconsciente – a língua enquanto representação do pensamento e o sujeito que dela emana não se sustentam para a AD. Principalmente pelo fato de que o sentido não poderia ser transparente para o enunciador, ao qual ele escapa, irrepresentável, em sua dupla determinação pelo inconsciente e pelo interdiscurso. (AUTHIER-REVUZ, 2004). Em síntese, a figurativização do sujeito da AD delinea-se por meio de uma teoria não-subjetiva da subjetividade.

A fim de produzir sentidos, o sujeito recorre a uma memória discursiva, ou seja, aos inúmeros já-ditos que assinalam a historicidade e a constituição dos discursos e dos sujeitos. A produção discursiva, de acordo com o que propõe Achard (1999), deve ser tomada, não como advinda do locutor, mas como operações que regulam o encargo, ou seja, a retomada e a circulação do discurso. Isso significa dizer que “a memória suposta pelo discurso é sempre reconstituída na enunciação” (ACHARD, 1999, p.17). O discurso traz à tona uma multiplicidade de dizeres anteriores, já formulados, os quais tangenciam o discurso com a historicidade, com as condições de produção que tornam possível a sua irrupção enquanto acontecimento.

Ao produzir um discurso, o sujeito recupera um dizer que está estabelecido e o reformula, abrindo espaço para o novo. É neste incessante movimento de paráfrase e polissemia, entre o

deslocamento e a dispersão, que se dá a produção do discurso e dos efeitos de sentido que emanam desse processo. Neste ínterim, faz-se preciso não deixar de mencionar a precípua interlocução que o discurso estabelece com as relações de poder, comungando com as reflexões de Foucault (2009), na obra *Ordem do Discurso*. Para Foucault (2009), o discurso obedece a regras, a mecanismos de produção, controle e exclusão que definem uma ordem através da qual os dizeres são produzidos ou silenciados. Para tanto, Foucault (2009, p. 10) evidencia que “o discurso [...] não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.”

Na seção seguinte, objetivamos analisar o discurso de prevenção às DSTs, por meio das materialidades escolhidas para a análise, tendo em vista as discussões teóricas anteriormente suscitadas.

3. O CARNAVAL E O DISCURSO DE PREVENÇÃO ÀS DSTs

Nosso gesto de leitura lançado sobre as materialidades selecionadas para a análise ocorrerá em dois momentos: inicialmente, faremos uma análise do samba-enredo e, em seguida, direcionaremos nosso olhar sobre a campanha do Ministério da Saúde. Eis o samba-enredo a ser analisado:

“Vamos vestir a camisinha, meu amor”

A luz do sol
Brilhou se separou da lua
O primeiro homem vai surgir
Provando das *delícias do jardim*
Colorindo o paraíso
Eu vi o charme e o sorriso da mulher
Meu bem lições de amor
O povo do oriente ensinou
No Éden a maldade da serpente *assombrou*
Seu veneno pelo mundo espalhou
Mata essa vontade louca, me beija na boca
Faz meu sonho real
Mas se quiser me ver e ter prazer carnal
É bom se proteger do mal
Na busca de um novo amanhecer
As ONGs dirão preservar é viver
Fique sabendo, amar é cuidar
Tem cheiro de amor no ar...
Eu vou brincar, curtir
Vou sacudir essa cidade
GLS, adolescente, gente da melhor idade
Num grito de liberdade

Saúde e vigor quero ter pra ver
O milagre da vida acontecer
Se a Grande Rio chamou, eu vou
Se o assunto é coisa de pele, eu tô
Por isso, bota a camisinha, bota meu amor
Foi o velho guerreiro quem mandou!
(Grande Rio, 2004, grifos nossos)

O samba-enredo divide-se, basicamente, em duas partes: na primeira, é possível observar uma remissão histórica à gênese do prazer, ao passo que a segunda parte põe em cena de forma mais detalhada a principal temática do enredo (a prevenção às DSTs). Assim, o samba inicia fazendo uma referência à dualidade sol/lua como uma forma de evidenciar o surgimento do homem e da mulher. Ao explicitar que o homem vai surgir “provando das delícias do jardim”, o samba alude ao quadro *O Jardim das Delícias Terrenas* de Hieronymus Bosch (1504) que descreve a história do mundo a partir da criação, apresentando o paraíso terrestre e o inferno nas laterais da obra, enquanto que no centro figurativiza-se os prazeres da carne, através da exposição de símbolos que remetem à atividade sexual.³ O sujeito do samba-enredo objetiva (re)contar a história do prazer carnal para posteriormente enfatizar as questões atuais acerca do uso do preservativo. Para tanto, ele encontra respaldo na pintura, na carnavalização exigida pela formação discursiva em que ele se encontra imerso. Assim, a referência à obra de Bosch se dá pela necessidade de carnavalizar o tema proposto pelo enredo, ao mesmo tempo em que se investiga uma pretensa origem para o prazer carnal já no momento da criação do mundo, de maneira a destacar que esse prazer está presente na sociedade desde tempos imemoriais.

Em seguida, o sujeito do samba-enredo invoca uma memória discursiva que advém dos escritos bíblicos da tradição cristã acerca do Jardim do Éden. Antes, porém, ele se reporta às “lições de amor” ensinadas pelo “povo do Oriente”, numa alusão ao livro indiano *Kama Sutra*. Escrito por Vatsyayana Kamasutram no início do século IV, essa obra descreve minuciosamente o comportamento sexual humano, sendo tomado, atualmente, como um guia do prazer, embora não seja este o seu propósito inicial. Paralelamente à remissão ao Kama Sutra, o samba-enredo relembra a “maldade” da serpente como um fator que resplandece sobre o “mal” o qual o samba-enredo propõe atenuar, isto é, as DSTs.

É possível entrever, nos dizeres do samba, que, para dissertar sobre as DSTs, o sujeito do samba-enredo traz em seu discurso alguns já-ditos sobre a questão do prazer carnal, desde uma possível gênese para esse prazer, como também uma punição para quem desrespeita a ordem vigente (a maldade da serpente). A maldade e o veneno da serpente, nesse caso,

³ Informações coletadas no *site Wikipédia*.

fazendo um paralelo com a ira divina que se abateu sobre Eva e Adão, pode também se referir a posições religiosas que viam, quando do aparecimento dos primeiros casos de AIDs, uma espécie de castigo divino lançado sobre os homossexuais, uma vez que estes foram tomados, num primeiro momento, como os principais portadores do vírus, a ponto de se denominar a epidemia da AIDS como “o câncer gay” (DEL PRIORE, 2011).

Na segunda parte do samba, o sujeito vislumbra a possibilidade de “um novo amanhecer”, de um exercício sadio da sexualidade ante a maldade da serpente. Nesse ponto, observamos a recorrência de marcas do discurso citado indireto, denotando a existência da heterogeneidade mostrada não-marcada (cf. AUTHIER-REVUZ, 2004). Com efeito, ao indicar que “as ONGs dirão preservar é viver” o sujeito deseja se afastar do seu dizer, apontando as ONGs como sendo responsáveis por esse dizer. É mister ressaltar, pois, a função que essas organizações não-governamentais exercem na prevenção às DSTs, com ênfase no HVI/AIDS. De acordo com Knauth & Gonçalves (2006), o advento da AIDS produziu uma série de impactos sobre a sociedade. Estes vão desde a consolidação de um conjunto de organizações da sociedade civil (ONGs), criação de fundos de apoio internacional ao combate do HVI/AIDS, dentre outros. Isso justifica o fato de o sujeito do samba-enredo atribuir às ONGs o discurso de prevenção às DSTs.

O uso do preservativo, nesse caso, incita o sujeito do samba-enredo a aproveitar a vida, “a brincar, curtir” e sacudir a cidade, e se tratando de um período de folia, esse sentimento de festa, de libertação se acentua de maneira vertiginosa. Convém ainda destacar o discurso de inclusão ao qual o sujeito do samba-enredo alude, no momento em que diz “GLS, adolescente, gente da *melhor idade*”, no intuito de asseverar que o uso do preservativo é “democrático”. Mas esses dizeres não surgem do mero acaso, pois há uma série de fatores que possibilitam essa emergência, como por exemplo, dados estatísticos que apontam um crescimento dos casos de AIDS entre os jovens homossexuais,⁴ bem como o crescimento da longevidade da população brasileira, o que acarreta a existência de mais pessoas da “melhor idade” que têm uma vida sexual ativa. Esses fatores interferem nos dizeres do sujeito do samba-enredo, no qual se constitui um discurso voltado à promoção democrática do acesso e da utilização dos preservativos.

O discurso se relaciona intimamente com a exterioridade e a historicidade que lhe são intrínsecas. Dessa maneira, os dizeres do samba apontam para a seguinte constatação: o sujeito do samba-enredo, inscrito no seio da FD do carnaval, postula nos seus dizeres, a

⁴ “Aids no Brasil: epidemia concentrada e estabilizada em populações de maior vulnerabilidade” (Ministério da Saúde, Boletim 1/2012). Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

inclusão de todos no que concerne à liberalização do uso do preservativo e, principalmente, de alguns segmentos que são continuamente estigmatizados em relação ao exercício de suas sexualidades, como a categoria GLS e os idosos. Convém ressaltar nos últimos versos do samba a referência ao discurso do apresentador de TV Chacrinha (1917-1988), também conhecido como “velho guerreiro” e famoso por seus bordões em formas de marchinhas de carnaval, a exemplo do clássico “bota a camisinha, bota meu amor, aqui está chovendo não vai fazer calor”. Aqui observamos a ambiguidade do termo “camisinha” que pode se referir tanto ao preservativo, quanto à peça do vestuário. É a partir desse duplo sentido que esse enunciado se corporifica e produz efeitos de sentido. O samba-enredo se apropria do termo *camisinha* no sentido de preservativo, a fim de por em cena que esse discurso constitui um já-dito, a partir do qual os sentidos são construídos. Além disso, quando o sujeito do samba-enredo se reporta à figura de Chacrinha, ele traz para o seu discurso uma memória discursiva acerca do carnaval metaforizada nas cores vibrantes de Chacrinha, na sua performance circense, nas marchinhas que ele ecoava, enfim, numa série de características que o definiam e o vinculavam ao espectro do carnavalesco. Há, pois, convergências entre esses vestígios imagéticos que vem à tona através da menção ao “velho guerreiro” e o carnaval carioca a que o sujeito do samba-enredo está ligado. Assim, para compactuar com o que determina a sua formação discursiva, o sujeito lança mão de saberes, de já-ditos advindos da memória discursiva os quais revelam que a produção de sentidos está indissociável da posição do sujeito no interior da formação discursiva em que se inscreve (PÊCHEUX, 1988).

Nessa leitura, foi possível entrever que o discurso de prevenção às DSTs encontra-se amalgamado com o espectro da carnavalização, com os saberes pressupostos pela formação discursiva referente ao carnaval, a qual defende o que pode e deve ser dito. Falar sobre a prevenção das DSTs, nesse caso, significa recorrer a elementos que tornam esse tema “digerível” do ponto de vista da arte carnavalesca, o que justifica, por exemplo, às alusões ao quadro de Bosch, ao Kama Sutra e à Chacrinha. Mas, por outro lado, o samba-enredo não prescinde de dialogar com as problemáticas atuais concernentes ao uso do condom. Dessa forma, o samba-enredo, a sua maneira, recorre aos discursos de prevenção às DSTs presentes em campanhas educativas incentivadas, tanto pelos órgãos públicos, como pelos setores organizados da sociedade, refletindo, assim, a irrupção de discursos sobre as medidas profiláticas a serem adotadas pelos idosos e grupos GLS, com vistas a evitar a transmissão das DSTs.

A análise a seguir pretende evidenciar essas considerações de uma forma mais específica. Nesse segundo momento, teceremos alguns comentários a respeito de uma

campanha informativa do Ministério da Saúde, lançada no período do carnaval de 2012. A campanha possui 30 s de duração⁵ e mostra dois rapazes que trocam olhares numa “balada” e começam a se tocar carinhosamente, sem se beijarem. Logo em seguida, um dos rapazes pergunta ao outro se ele tem camisinha e este faz um gesto negativo com a cabeça. A voz do locutor assevera: “Isso rola muito”; no mesmo instante, aparece uma fada que, com sua varinha de condão, faz uma mágica e subitamente surge um preservativo. A voz do locutor em *off* complementa: “Já isso é difícil”, em referência à mágica da fada. Enquanto os dois continuam se acariciando, a voz do locutor encerra a campanha: “Na empolgação rola de tudo. Só não rola sem camisinha. Tenha sempre a sua.”

Pelo menos dois aspectos merecem ser destacados neste anúncio. Em primeiro lugar, faz-se preciso mencionar o fato de o anúncio ter como foco uma relação homoafetiva. Conforme afirmamos anteriormente, o número de casos de AIDS vêm crescendo com frequência entre os jovens homossexuais. Assim, o enfoque direcionado pela campanha a um casal gay encontra respaldo num saber sobre o assunto. Nesta perspectiva, é possível notar a relação que o discurso estabelece com os mecanismos de saber e poder, conforme evidencia Foucault (2008), na medida em que a irrupção dos discursos de prevenção às DSTs, tendo como foco os homossexuais se efetua através de um saber especializado, que aponta a crescente incidência de gays infectados com HIV/AIDS. Isso gera um poder, mais precisamente um biopoder (cf. FOUCAULT, 2008), corporificado pelos órgãos de saúde pública, no intuito de alertar e, ao mesmo tempo, controlar a população a respeito dos riscos de se fazer atividade sexual sem o uso do preservativo.

Em segundo lugar, a campanha faz um jogo de sentido com a mágica da fada. A aparição desse elemento num momento tão oportuno, haja vista que a camisinha, neste contexto, representava a condição *sine qua non* para a consecução da relação sexual, em consonância com os dizeres do locutor, confluem para a ideia de que raramente uma fada despontará para salvaguardar um casal no momento da transa, o que põe em xeque a existência desse ser mágico. Além disso, a metáfora da fada evidencia que, no caso de uma relação sexual sem o uso do condom, nem mesmo uma mágica poderá evitar problemas futuros. Em síntese, ressoa dessa campanha um discurso de esclarecimento à população a respeito da importância do uso do preservativo, tendo como foco uma relação homoafetiva, o que nos remete à referência ao grupo GLS, já salientado no samba-enredo da Grande Rio.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dhlUv9_80V8>. Acesso em 10. jan. 2013.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, objetivamos analisar o discurso de prevenção às DSTs, tomando como materialidades de análise textos veiculados no período do carnaval, uma vez que é neste período do ano que se intensificam as campanhas governamentais de esclarecimento à população no tocante ao uso de preservativos. Para tanto, direcionamos nosso gesto de leitura sobre um samba-enredo de uma escola de samba do Rio de Janeiro (Grande Rio, 2004) e uma campanha veiculada pela televisão aberta, no decurso do carnaval de 2012.

Na perspectiva da AD, o discurso atrela-se às condições de produção, de forma que todo discurso dialoga com uma exterioridade, com a historicidade. Além disso, toda manifestações discursiva baseia-se em já-ditos, noutros discursos, que despontam por meio da memória discursiva. Levando em consideração essas assertivas, foi possível entrever nos *corpora* analisados a emergência do discurso de prevenção às DST em consonância com os dizeres da formação discursiva da qual o sujeito enuncia. O sujeito se identifica com a formação discursiva para que tenha a possibilidade mesma de significar e de se significar. Assim, enquanto o sujeito do samba-enredo carnavaliza o discurso de prevenção às DSTs, denotando imagens relativas a essa formação discursiva, a campanha do Ministério da Saúde, por sua vez, parte de um saber sobre as DSTs, com vistas à regulação dos corpos e ao exercício do biopoder.

Importante destacar que o sujeito do samba-enredo não fica incólume à memória discursiva, até porque fundamentamo-nos em uma concepção teórica que compreende que o sujeito nunca está “livre” para enunciar, ou seja, ao falar, o sujeito encontra-se afetado por dizeres anteriores, estando sempre ligado à língua e à história. Assim, o sujeito do samba-enredo alude tacitamente a já-ditos sobre a questão das DSTs, a discursos prévios sobre algumas DSTs, com ênfase no HIV/AIDS (metamorfoseada, por exemplo, por meio da maldade da serpente). O ponto de contato existente entre a abordagem do samba-enredo e da campanha do Ministério da Saúde reside na referência aos homossexuais⁶ como potenciais vítimas das DSTs, o que nos reporta às formulações já enunciadas sobre essa questão quando do surgimento do HIV/AIDS.

⁶ Reiteramos que o fato de a campanha tomar como base um casal homossexual não é algo fortuito, mas deriva de ações e medidas adotadas, por exemplo, por instituições promotoras da igualdade e do respeito à diversidade e/ou órgãos de combate ao preconceito.

5. REFERÊNCIAS

- ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido. In: ---. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: estudo enunciativo do sentido*. Trad. L. B. Barsiban & V. N. Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- DEL PRIORE, M. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2011.
- FERREIRA, M. C. L. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. *Organon*, Porto Alegre, n. 48, p.17-34, jan./jul. 2010.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 25. ed. Trad. R. Machado. São Paulo: Graal Edições, 2008.
- . *A ordem do discurso*. 19. ed. Ed. M. J. Marcionilo. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- KNAUTH, D. R.; GONÇALVES, H. Juventude na era AIDS: entre o prazer e o risco. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (Orgs.) *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- ORLANDI, E. P. Discurso, imaginário social e conhecimento, *Em aberto*. Brasília, n.61, jan-mar. 1994.
- . *Introdução às ciências da linguagem – discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.
- . *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2007.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* Campinas: UNICAMP, 1988.
- . *Discurso: estrutura ou acontecimento*. 4. ed. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.
- . Especificidade de uma disciplina de interpretação. In: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. (Orgs.). *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.
- . FUCHS, C. A Propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.
- POSSENTI, S. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. v. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.